

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030197

Delírio de uma escriba

Correio $\frac{6}{9}$
Popular $\frac{74}{74}$

Carlos TONTOLI
Presidente da ACI

Surpreendido com uma publicação oriunda da pena frouxa de uma contumaz escrevinhadeira, que nada mais quer senão a luz ofuscante da popularidade (que não tem), na qualidade de presidente da Associação Campineira de Imprensa, diante das injustiças assacadas contra a minha entidade, venho a público para fazer certos reparos aos arroubos e delírios dessa escriba.

Muito a contragosto, fugindo à austera conduta que mantive até hoje durante os 25 anos de jornalismo diário, venho fazer este esclarecimento sobre insinuações de uma pessoa cuja escribomania lhe entorpece os sentidos, levando-a a acusações falsas, apresentando-se em todas as oportunidades como intransigente defensora das «coisas públicas», destacando-se com auto-elogios dos mais desavergonhados que fazem corar todos os bronzes de Campinas.

Em seu velho e enfadonho estilo de escriba ultrapassada e desinformada, consome espaço em seu amontoado de garatujas, focalizando de forma incorreta a carreira do brilhante Henrique de Barcelos, para depois, por motivos desconhecidos, voltar-se contra a entidade fundada por Norberto Souza Pinto, um homem idealista e que na mais completa humildade, com o seu trabalho anônimo e abnegado, deixou diversas obras que engrandecem o patrimônio cultural da cidade.

Afirma em suas escrevinhices que Henrique de Barcelos é patrono da ACI. Como está mal informada. O jornalista escolhido na época foi Francisco Quirino dos Santos.

Quanto ao ser solicitada ou não; se está quietas até fins de 74; se é participante das atividades da ACI; se é votante nas eleições; se comprou livros ali lançados, foi única e exclusivamente por vontade própria.

Sobre as nossas atividades, devo dizer que vão indo muito bem. Tenho um dever a cumprir para com os meus companheiros. Quando assumi a presidência da ACI, fiz um compromisso solene, do qual nunca me afastarei, apesar dos mil e um obstáculos que venho encontrando, sem contar com a ajuda de pessoas que procuram o exato momento de surgir no palco dos acontecimentos como estrela do espetáculo.

As omissões nunca fizeram parte de minha vida. Quer como jornalista, defendendo tão somente as coisas de minha cidade, quer como cidadão aqui nascido.

No caso do túmulo de Henrique de Barcelos, as providências foram tomadas em tempo oportuno. As medidas cabíveis para a restauração da tumba foram discutidas em reunião de diretoria, ao tomar conhecimento de um ofício enviado a esta presidência. Se demorou, foi unicamente por motivos alheios à nossa vontade.

Devo informar ainda o leitor, de que o túmulo já foi restaurado, conforme comunicação recebida no mês de agosto, da Irmandade do Santíssimo.

A referida escriba tem o hábito de fazer críticas para depois tecer considerações elogiosas a si mesma. E nesse emaranhado de baboseiras se intitula jornalista. Como se sabe, a legislação atual define muito bem a função de «Colaborador» com a de «Jornalista»; este, não só escreve, como domina o complexo conhecimento para a feitura de um jornal. A Associação Campineira de Imprensa, nesta atual conjuntura, não pode deixar de protestar contra o uso indevido do termo «Jornalista».

Por ora é só. A escrevinhadeira pode cantar vitória, mas em outro poleiro.